

13 Mestrinho: só o povo cassa

BRASÍLIA – Depois de dois anos de um mandato obscuro, o senador Gilberto Mestrinho (PMDB-AM) começou ontem a namorar os holofotes. No meio da tarde, duas equipes de televisão aguardavam na sala de espera do gabinete dele, enquanto uma terceira entrevistava o senador, recém-escolhido para o estratégico cargo de presidente do Conselho de Ética. Mestrinho interrompe a conversa. Pelo rabo do olho, tinha percebido sua imagem no vídeo da TV da sala. Aumenta o som, ouve a própria declaração. “Fui bem, não fui?” E logo começa a nova tarefa. Longe das câmeras, demonstra perfeita adequação ao papel para o qual foi escolhido: defender o amigo e companheiro de partido Jader Barbalho (PMDB-PA). Antes mesmo de assumir o cargo, pediu aos assessores um parecer afirmando que o Conselho de Ética não deve cassar parlamentares por fraudes cometidas antes de assumir o mandato. Uma definição feita sob medida para preservar Jader.

O homem que vai presidir o conselho encarregado de julgar os senadores é um declarado inimigo de punições rigorosas. Votou contra a cassação do ex-senador Luiz Estevão e telefonou para Antonio Carlos Magalhães

e José Roberto Arruda, garantindo que votaria contra a perda de mandato dos dois. “Só quem pode cassar um senador é o povo, nas eleições. Punir senadores não é função do Senado.”

Amizade – Mestrinho não esconde a amizade com Jader Barbalho. “Conheço Jader há muito tempo e temos um relacionamento muito cordial. Até onde sei, ele sempre foi um sujeito honesto.” Ele garante que o Conselho de Ética não vai investigar acusações de atos cometidos por Jader antes de assumir o mandato. O que inclui todas as acusações apresentadas até agora. Jader e Mestrinho se parecem até nas acusações acumuladas. Três vezes governador do Amazonas, Mestrinho foi alvo de dezenas de denúncias de superfaturamento de obras. Seu projeto mais polêmico foi o sambódromo de Manaus. “É uma obra linda. Cabem 70 mil pessoas sentadas”, diz. O deputado estadual Eron Bezerra (PC do B) discorda. “O sambódromo foi construído com dinheiro desviado do Fundo Nacional para Desenvolvimento da Educação.”

A imunidade parlamentar adquirida com a eleição para o Se-

nado fez um processo contra Mestrinho parar. É que a cobertura do sambódromo oficial desabou, provocando prejuízos ao governo do estado. “Esta ação é uma bobagem. Coisa de um promotor maluco”, minimiza. Mesmo assim, o senador se protege. Leva na maleta executiva uma certidão emitida pelo Tribunal de Contas da União (TCU) em 25 de outubro de 2000. A declaração, de um parágrafo, diz que “nada consta” contra Mestrinho no processo TC-225.179/1993-8. Não fala nada sobre outros processos. Segundo a página do TCU na internet, há outros cinco.

Maçã – Quem carrega a pasta para Mestrinho é o fiel assessor Luís Rosa. Baixinho, cabelos pintados de preto, é quase um clone do chefe, de quem copiou até o bigodinho. Aos 73 anos, Mestrinho ostenta um tom de preto retinto nos cabelos. Consegue a cor no salão de cabeleireiro Hélio, de Brasília. “Não pinto. Só conservo a cor que eles tinham”, diz o veterano senador, que se define como “um homem sem nenhuma vaidade”. Mas Mestrinho se cuida. Para manter a silhueta, costuma reduzir o almoço a uma maçã. Quando chega em casa, perde as reservas. Capaz de jantar uma

picanha, é adepto de um cardápio que inclui feijoada e rabada nos fins de semana.

Em Manaus, Mestrinho tem fama de sedutor. Ganhou o apelido de boto tucuxi. É uma referência à lenda amazônica do boto que, em noite de lua cheia, se transforma em homem e engravida as moças. Na campanha para o governo em 1982, um slogan surgiu como brincadeira. “Vote em Gilberto Mestrinho, ele pode ser seu pai.” O senador desconversa. “Tenho só dez filhos e todos registrados.” Diz que a reputação é um mal-entendido. “Me elegi prefeito muito moço, com 30 anos. Tinha um carro importado e dava carona para muita gente, inclusive as moças. Aí, falavam. É que eu tenho uma liderança afetiva no Amazonas. O povo gosta de mim.” Esperto, transformou o ataque em marketing e fez do boto o seu símbolo de campanha.

Para definir sua filosofia política, o senador recorre a outro animal amazônico. “No Amazonas, quando uma árvore cai em cima do jabuti, ele não espera. Fica quietinho, esperando a árvore apodrecer. Vai comendo a casca que apodrece, até se libertar”, conta. “Sou como o jabuti. Paciente e esperto.”